

Anno 10

Rio de Janeiro

Nº 350

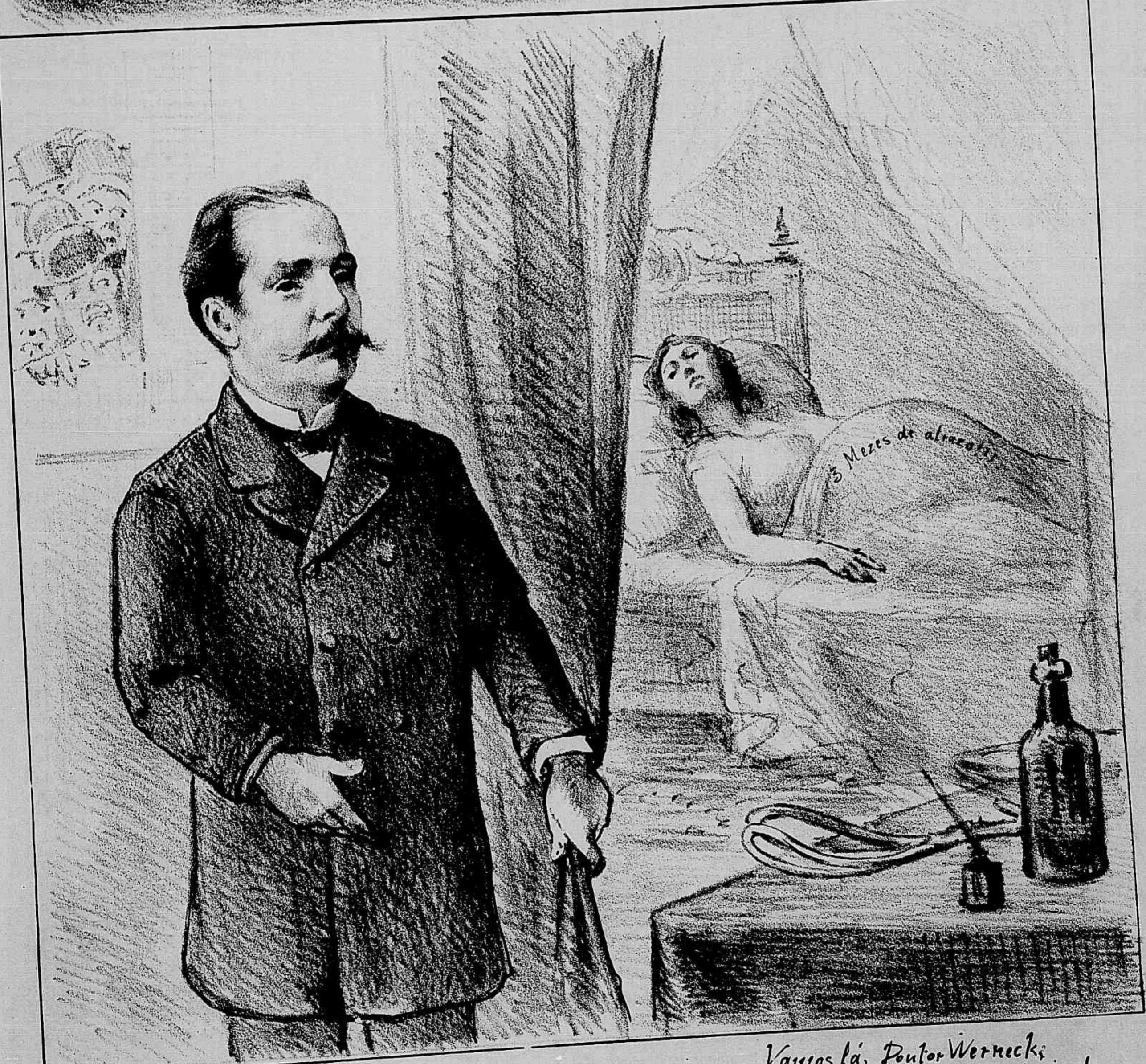
# Don Quixote

de Angelo Agostini

## JORNAL ILLUSTRADO

(frontespício provisório)

R. OUVIDOR 109



Deve-se abrir inquérito  
Sobre este caso intrincado!  
Nunca parteiro mereito  
Viu-se tão atrapalhado...

A prefeitura, em finanças  
Vai mal - dinheiro não tem...  
...Ynda mais 'sta' de esperanças  
— E os funcionários também!  
(Satinadas de um empregado municipal)

Vamos lá, Doutor Werneck!  
Trez mezes de atraço... é caso!  
Dens me ralha, e que eu não nego:  
Mas rague - ou vai tudo rasão!

## EXPEDIENTE

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

| CAPITAL               | ESTADOS              |
|-----------------------|----------------------|
| Anno..... 20\$000     | Anno..... 24\$000    |
| Semestre .... 12\$000 | Semestre ... 14\$000 |

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, assim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!)... que se tiverem um dia o desejo de assinal-o, o façam quanto antes, pois, una vez esgotadas as edições, será difícil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de Junho, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

## DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 21 de Setembro de 1895.

## A AMNISTIA

A manobra obstrucionista da camara dos deputados já deu o resultado que era de esperar. Desde que o senado, por uma votação solene, condenou o projecto iníquo e barbáro do Sr. Ramiro Barcellos, representante do Castilhismo impiedoso e adepto do glycerismo emperrado, era bem de prever que o parecer da comissão da camara, pelo orgão do Sr. Medeiros e Albuquerque, seria a condenação do substitutivo em cuja aprovação a alta corporação do senado deixou documentado, e inequivocamente, o seu encendrado patriotismo.

A demora na apresentação d'esse parecer, que pretende esmagar a amnistia ampla, sob pretextos capciosos, obedecia unicamente ao intuito de aguardar a decisão do senado, relativa á qualificação de delinquentes civis e criminosos militares, ferindo de morte a ideia generosa de amnistia incondicional e estabelecendo hierarchias para os revoltosos, réos de um e o mesmo delicto.

Assim desvendado o plano anti-patriotico dos que ainda guardam rancores e apenas festejam a paz *pro formula*, viu-se que, se não fôra a palavra vibrante e convincente de Ruy Barbosa deitar por terra o negregado projecto Ramiro, o parecer seria muito outro e o substitutivo do senado teria a aprovação dos deputados do Sr. General Glycerio.

Não foi assim. Em votação positiva o senado afirmou pela segunda vez o seu pensamento de conceder ampla amnistia a todos os revoltosos — e tanto foi preciso para que se lavrasse tal parecer, que exprime uma tal desorientação, tão revoltante e condemnavel, que não se coaduna com os apregoados sentimentos bondosos e a proverbial generosidade do meigo caracter e do temperamento doce do brasileiro.

E dizer que tal parecer emerge do seio da

camara que aprovou sem hesitar todos, todos os actos da Legalidade, de rubra memoria, e mais os actos dos seus agentes — isto é, todos os horrores do Paraná, de Santa Catharina, de Pernambuco e de tantos outros sítios onde foram praticadas tantas barbaridades, tão monstruosos crimes!

Temos fé, porém, que a maioria da camara não irá lavrar contra si propria a condemnação a que faria jus, se aprovasse tal parecer, que contraria a aspiração de todo o povo, e que, vingando, seria a origem de desastrosas consequencias para o paiz e até para a marcha do governo, empenhado como se acha em promover o real e duradouro congraçamento da família brazileira.

Temos fé que a palavra de ordem do Sr. Glycerio será d'esta vez desobedecida — e assim o cremos, por honra da propria camara dos deputados, que não quererá arcar com a tremenda responsabilidade de haver opposto embaraços ao pensamento patriotico do governo do Sr. Prudente de Moraes.

No momento que é, quando o espirito publico se acha de novo sobresaltado pela recrudescencia da situação critica em que se achava a questão do Amapá; quando nos chegam notícias de nova violação do nosso territorio e do desembarque ultrajante de grande numero de soldados franceses n'aquelle região, vergastando-nos as faces e ferindo-nos no que temos de mais sagrado; — n'este momento faz-se necessaria a paz geral, é urgente reclamo do nosso patriotismo a completa união de todos os brazileiros, em torno do nosso sagrado pavilhão, o esquecimento de odios antigos ou recentes, o congraçamento geral, emfim.

Não é de crer que da camara dos deputados haja desertado o patriotismo, e que ella possa sacrificar aos interesses mesquinhos de uma politica sanguinaria os altos interesses do Brazil, que tem ou suppõe por uma ficção legitimada ter alli os seus representantes imediatos, a guarda avançada da soberania nacional.

Não! Por honra da camara dos deputados vamos jurar que o parecer impatriotico do Sr. Medeiros e Albuquerque não será aprovado... O decoro dos senhores representantes da União, o caracter d'esses cavalheiros é garantia segura de que esse monstro não terá alli amparo, nem auxilio, nem um bafejo que lhe empreste vida.

## NOTICIARIO

Veio da Europa o deputado por S. Paulo, Dr. Adolpho Gordo, que afinal de contas não veio mais...

— Mais, que? Mais gordo, está bem visto.

Telegramma de Roma para o *Jornal do Commercio*, de 15 do corrente, dá-nos a grata noticia de ter sido o general Mirri, comandante do 12º corpo, em Palermo, transferido para o commando do 6º em Bologna; indo o general Morra substituir-o n'aquelle commando em Palermo.

Esta noticia diexou nos supinamente apalermados pelo gasto superfluo de palavras do

telegramma que bem poderia ser concebido assim:

« Roma, 14 Setembro.

« Mirri de Bologna. Morra em Palermo. »

No fim dava certo.

Por um lamentavel equivoco, o distinto escriptor A. A. na sua *Palestra diaria* do *Paiz* apertou commovido a mão a Accacio Antunes, e fez a seguinte proposta:

— Toca estes ossos, confrade.

Só mesmo por equivoco o amavel Arthur Azevedo daria ao Sr. Accacio o inglorio e improductivo trabalho de procurar-lhe os ossos, para tocal-os, no meio d'aquelles diluvio colossal de banhas.

— « Toca essas gorduras » é que deve ser.

O distinto escriptor e habil poeta Alves de Faria, durante a semana passada publicou dous artigos em que não empregou o vocabulo animico.

Ao que parece, está enferm., o nosso illustre e operoso collega.

Ou elle, ou o seu termo predilecto.

Na abundante e completa secção telegraphica do *Paiz* encontramos em despacho de Lima, a lista dos novos ministros do gabinete peruano, recentemente organizado: presidente do conselho Antonio Bentino, justiça Albaracín, fazenda Bressano, guerra e marinha Parra.

Vai dar uvas o Perú.

O eloquente senador Esteves Junior pretende pronunciar brevemente mais um discurso.

Os senadores collegas de S. Ex. já mandaram repregar os botões dos seus respectivos colletes e das suas calças respectivas.

Precavidos, os homens da rua do Areal.

Consta que a agencia Havas joga no cambio e que é baixista.

Damos este consta com todas as reservas do estylo.

Um trem de suburbios que ante-hontem partiu da Central ás 6,30 da tarde, não descarrillou nem sequer encontrou a nenhum outro trem da mesma Estrada de Ferro dos Choques Centraes do Brazil.

Por este auspicioso evento trata-se de organizar uma grande comissão popular, que levará a effeito uma brillante manifestação de regosijo e congratulação até aos altos poderes constituidos.

Os directores da companhia de seguros *Educadora* oferecem aos seus amigos, fregueses e mutuários, um excellente almoço e um magnifico baile: *pan y toros*, como la diz o outro, e em grego.

Duas cousas veio provar esta intelligente resolução da Companhia de Seguros *Educadora*: que suas senhorias não são seguros (vulgarmente—caídas) e que suas senhorias são muito bem educados.

Nossos emboras.

A redacção do *D. Quixote* (rua do Ouvidor 109, anno 20\$000 para a capital, 24\$000 para os Estados) passa sem novidade em sua importante saude.

Quando mal, nunca maleitas.

Os reporters.  
ESCENA & MONTREY

## BRAZÕES

Um formoso poeta, o B. Lopes, dos *Chromos*, da *D. Carmen*, e d'esses *Brazões*, que agora nos apparecem, elegantemente impressos na casa Leuzinger.

Original, singularissimo, B. Lopes é um poeta que constitue individualidade á parte do grupo brilhante dos nossos metrificadores, fazendo obra sua, absolutamente sua, pelo modo de dizer, pela forma especial que imprime ao seu verso, pela graça de que o reveste e com que o enfeita.

Li algures que o B. Lopes, que celebra as bellezas e o chic das duquezas, das louras miss; que descreve os castellos magicos e os palacios illuminados de sua phantasia, que doira de primores a alta fidalguia das suas rimas brilhantes e irisadas, — que o B. Lopes é um empregado publico, um simples empregado publico, que quando escreve *alfombras* é unicamente por obdecer á pequena contingencia da rima, pois que havia pouco antes escrito a palavra *sombrias*.

Nem melhor e mais involuntario elogio podia ser feito ao talentoso poeta, impeccavel no metro e vivo e gracioso na rima, do que esse que veio envolvido n'uma denuncia descabida, talvez impertinente. E' exactamente n'esse advinhar intuitivo do B. Lopes, de cousas e de individualidades altamente fidalgas, que se pôde bem apreciar a força do sua imaginação feraçissima, de sua alevantada vis auto-sugestiva.

Em todas essas paginas do seu livro aristocratico, fino, afidalgado, não se encontra uma, uma só trivialidade, um verso que se pareça com um verso dos outros poetas que em nossa lingua versejam; novo, na suprema e mais profunda expressão do vocabulo novo, o B. Lopes timbra em singularisar-se n'um requinte de elegancia que seduz, que embriaga, e que embala o leitor.

Não por emitir uma opinião, que por desautorizada era dispensavel, mais simplesmente por desobrigar-me de um compromisso anteriormente tomado, d'estas columnas venho saudar o poeta pelo apparecimento do seu livro, tão elegante quão accentuadamente fino e aristocratico.

E para terminar a transcrição de um soneto, não de proposital eleição, senão tomado do volume dos *Brazões*, ao acaso aberto :

### DIVA

Vocifera a platéa, pintalgada  
De aloiradas cabeças de cocottes  
De papoula ao chapéu, e uma encarnada,  
Rosa sagrando a espuma dos decotes.

Preparam-se as lunetas na cerrada  
Linha anciosa e gentil dos camarotes,  
Predominando a mancha delicada  
Dos fidalgos bouquets de myosotis.

Chamam-te os partidarios irrequietos;  
Pronunciam teu nome os indiscretos,  
De alma suspensa e coração de rastro...

Pisas o palco; o publico endoucede,  
Tonto, na luz, como se alli tivesse  
O estilhaço flamnivomo — de um astro!

E a *Hora do chá*, e *Sangrina e Sua Alteza*,  
e todo o *Varandim*, e todo o livro!...

Um sincero e cordial *shake-hands* a B.  
Lopes. D.

cular S. Matheus Propheta de Deus, e que funciona á rua Presidente Barroso, tivera a gentilissima idéa de conceder ao nosso Angelo o gracioso titulo de SOCIO HONORARIO.

E porque? Acaso, porque o Angelo em nosso ultimo numero, e antes de partir, n'um artigo humoristico amarrou o positivismo ao spiritismo e zurziu-os á vontade e mais aos seus concomittantes Torterolis?

Não senhor. A razão da graça especial com que foi distinguido o nosso companheiro, vem exarada no proprio titulo impresso, que diz assim :

« Apreço-me (está no original) em comunicar-vos este grande acontecimento que é d'aqueles que tem o valor de uma nova epocha marcada pela vossa inscrição no nosso centro, porque o vosso nome como adepto da grande lei que regula todo orbe teremos como toda evolução do infinito, como teria para nós uma verdadeira epopeia, pela clareza e autoridade do vosso espirito altamente preparado na sabia lei do universo. »

Isto não resta duvida, está um tanto obscuro, traçado em linguagem profundamente nephelibatica; mas o que se deixa perceber de todo aquelle palavriado é que o Angelo é adepto da grande lei (?) Que regula o orbe — e d'isso andou fazendo um tal mysterio que até chega a melindrar-nos.

Spirita honorario o Angelo!

Emfim, e uma vez decidida a coisa pelo Grupo S. Matheus, resolvemos fazer participação immediata ao companheiro ausente, transmittindo-lhe o seguinte telegramma :

« Angelo Agostini, spirita honorario,

« Em viagem.

« Sabes? Estão redimidos

« Todos os peccados teus;

« Abre bem esses ouvidos;

« E's socio de S. Matheus,

« O tal propheta de Deus.

« Parabens! Mil parabens!

« Assim quizeste — assim o tens!

Ao Grupo Particular da rua Presidente Barroso, enviamos muito saudar.

GYP.

## LEMBRETE

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de junho, e mais aquelles cuja assignatura termina no fim do corrente mez, lembraos que, caso queiram reformal-as, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste importante semanario.

CAVACO DA ADMINISTRAÇÃO.

## CARTAS LITTERARIAS

### ADOLPHO CAMINHA

O auctor do livro que temos à vista foi um d'estes obreiros que lentamente, ignoradamente se preparam para uma ruidosa apresentação na arena das letras. Quando elle surgiu com o seu romance naturalista intitulado — A

## Angelo, Spirita!

Recebemos uma comunicação importantsima do Grupo Spirita Particular S. Matheus Propheta de Deus, (parece verso, mas não é) impressa em papel meio-pergaminho, encerrada em um grande enveloppe e endereçada ao nosso amigo e director do *D. Quixote*, Argelo Agostini; que a estas horas, se o paquete *Chili* não errou o caminho, deve ter deixado Dakar e achar-se proximo de Lisboa.

Aberto o enveloppe e lido o papel, vimos, com menos surpresa do que desvanecimento, que a illustre directoria do Grupo Spirita Parti-



Tem-nos fornecido alguns deliciosos canards, bem acondicionados em bolhas de sá-  
bão. É brinquedo inocente, um passatempo divertido. Desde que as bolas arremessaram Zé  
Povão exclama sentimentalmente: — Ora bolas, Mme. Havas! se não olhe custa, pode ir ás fa-  
ras!



A conspiração dos magnatas da companhia do Jardim Botânico contra os vistos atrores do Cosme Velho. Vinham recitando tumularmente: "Era alta noite, e ao descambada lua...."



...Quando descambou contra elles a população Cosmopolitense, e foi-los fugir electricamente. O bond eléctrico tem disto: se não pode matar o transeunte arranca a vida ás indefesas atrores! Desta vez a conspiração parece que não estava bem ensaiada.... como as outras.

**Normalista**—todas as vistas voltaram-se attentas para o novo combatente que se mostrava apparelhado para a luta tendo feito no segredo do seu gabinete o tirocinio das armas e o seu livro, recebido com francos louvores da critica, desde logo marcou-lhe nas nossas lettras um lugar distinto.

Agora surge um novo livro de Adolpho Caminha e as opiniões manifestadas nas *Cartas Litterarias*, a orientação do escriptor, a sua maneira de observar e sentir revelam o mesmo espirito analytico e impressionista que haviamos notado nas paginas repassadas de verdade da *Normalista*.

Os capitulos — Novos e Velhos, — Emilio Zola, — A Forma, — Em Deseza Propria, são bellissimos estudos onde predominam a verdade de observação e a justeza de conceitos. O estudo critico sobre Fialho de Almeida é um verdadeiro e justo preito a um escriptor que merece pelo seu incontestável talento ser mais lido e apreciado entre nós. Em summa: pondo de parte algumas apreciações exageradas sobre autores nacionaes, que provam que Adolpho Caminha ainda não estudiou completamente o nosso meio litterario, e por isso desconhece alguns escriptores de merito, ao passo que exalta outros que não merecem tanto, o livro é excellente e nos deixou a melhor impressão.

Esses pequenos senões de observação que apontamos não são defeitos do escriptor ou do observador, mas um resultado da sua convivencia em um meio que não resume (como pretende) todas as aptidões litterarias e artisticas do paiz e fóra do qual ha talentos propulsivamente envoltos no véu do silencio, arma favorita dos que temem a concurrencia.

Emfim, comprimentamos a Adolpho Caminha pelo bom livro com que brindou as nossas letras.

L. N.

## RABISCOS

Tendo começado por uma serie de boatos falsos, por um falso boato terminou a semana passada.

Coherente, lá isso foi ella — e no que nada se parece com o general Glycerio, que vai saudar o presidente no Itamaraty por motivo da pacificação e logo depois anda a mecher os pausinhos no Congresso, para o fim de obstar a passagem da amnistia, consequencia imediata d'aquelle.

Os boatos da semana afinal serviram para alguma cousa: para evidenciarem, pelo menos, o alto grão de estima em que é tido o Sr. Prudente de Moraes, a quem uma brilhante ovação, ainda mais brilhante pela espontaneidade com que surgiu, recebeu-o em seu regresso da Ilha Grande.

Diziam o diabo com botas, os taes boatos!

D. Bernarda tomára um dos seus mais bellos vestidos, puzera as suas joias mais ricas e já estava prompta para sahir á rua e provocar escandalos, como é de seu costume e temperamento...

Ja ser tudo arrazado — a começar pelo Sr. Prudente de Moraes, o eleito do grande Partido

Republicano Federal do Sr. Glycerio, a quem a supracitada D. Bernarda convidaria muito delicadamente a deixar o Itamaraty e ir até Piracicaba, verificar se os seus cafezaes estão convenientemente florescidos.

Emfim, uma penca de boatos, cada qual mais formidoso, e que afinal de contas só tiveram um resultado pratico... para os baixistas do cambio.

O boato com que terminou a semana viveu, como a tal de Malherbe, o espaço de uma manhã: mas ainda assim, na sua miseranda qualidade de boatinho, e durante sua passageira existencia, sempre deu tempo aos mesmos baixistas de realizarem operações de ligeireza.

Porque a verdade é que só esses vivorios podiam prestar credito ao *canard telegraphic* dando o general Hyppolito como separador do Rio Grande — peta muito sem graça, mas em compensação muito mal arranjada.

Que querem? O cambio não é como a filha do Conde de S. Thiago — que não desce nunca!

Ao contrario: parece que nada lhe é mais agradavel do que esta gangorra permanente em que vive escarranchado!

Agora, com a questão da amnistia, Mister Cambio tem ensejo e oportunidade de exercitarse nos seus prodigios de acrobacia descendo e subindo á vontade, conforme o parecer do Sr. Medeiros e Albuquerque tenha imputadores ou recolha discursos congratulatorios e approbativos.

Segundo esse parecer, a amnistia não pôde, não deve ser ampla! A hermeneutica do Sr. Albuquerque estabelece uma differenciação completa entre o revoltoso politico militar e o revoltoso politico civil, de modo que a gente chega a concluir... que não ha nada como tudo mais são historias.

E historias para rir, porque é lícito suppôr que os bons desejos do mesmo Sr. Albuquerque não serão suffragados pelos seus collegas; e historias para rir, porque são muito diversas das historias da prefeitura, com as quaes os respectivos empregados têm razões suficientes para viverem immersos em copioso pranto, — pranto tão copioso que faz lembrar o d'aquelle da operetta, que dizia:

*Eu tenho chorado tanto...*

Pudera! Tres mezes decorridos e o quarto a escoar-se, sem que elles vejam a cõr dos seus ordenados, não é marimba que preto toca, nem é caso para gracejos.

A *Cidade do Rio*, que dispõe de uma reportagem ultra, já publicou um decreto do Sr. prefeito, segundo o qual S. Ex., permite aos seus empregados *morderem* na rua do Ouvidor os amigos e conhecidos, até que possam receber alguma cousa por conta dos ordenados atraizados.

A medida não é má como recurso, financeiro: mas porque não começar por casa a boa justiça? Sim, porque não *morderem* os empregados, antes de tudo — ao Sr. prefeito, cujo

subsídio não é máo, e aos senhores intendentés, que tambem não ganham pouco?

A idéa não é para desprezar; e eu, generoso como sou, dou-a de graça aos interessados.

E olhem que já lhes dou alguma cousa — no que até certo ponto já me avantajo ao Sr. Dr. Werneck, que nada lhes dá.

E como a uliima noticia, e esta de sensação, refere-se á nova invasão francesa no territorio do Amapá, aqui deito ponto final n'estes *Rabiscos*, mesmo porque não me agradam estas complicações internacionaes.

Ah! os senhores franceses entenderam de colonizar á força o nosso Brasil, e andam plantando soldados na fronteira a ver se pegam de galho?

Ora esperem ahi um pouco, que lá lhes mandamos o general Glycerio, que é feroz em seus *ultimatums* e não lhes dará amnistia — nem que lha peçam de joelhos...

Olha, frances: você não conhece o general Glycerio!

LEO.

## UM BOUQUET

Vem tarde — mas antes tarde do que nunca — o agradecimento que devemos ao digno director do collegio Abilio, pelo dedicado *bouquet* com que nos mimoseou, no dia em que os alumnos do seu estabelecimento, em bem organizado prestito, foram saudar o Sr. presidente da Republica pelo motivo da pacificação do Sul.

O *bouquet* com que foi distinguida a redacção do *D. Quixote*, mimo de arte fina e esquisita, é guardado com especial cuidado, a relembrar-nos sempre a gratidão pela gentileza da offerta.

## THEATROS

Assim como assim, *on revient toujours...* ao Eden Lavradio.

E' para este theatro que volverá em breve a actriz dos 18 papeis, Sra. Pepa Ruiz, com uma companhia de estrondo, dizem os periodicos bem informados — e os ha, n'esta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião.

Ao que parece, refeitas as finanças e recomposta a *troupe*, a dama dos dezoito conta empolgar de novo as boas graças do publico e chamar ao bom caminho o dispersivo exercito dos seus mil e oitocentos adoradores.

Que seja muito feliz, por muitos annos, e eu que o veja — são os meus sinceros votos.

Que não lhe vá suceder o que á *troupe* Modena aconteceu no Theatro Lyrico, que nem mesmo com o condimento da *dansa serpentina* da Sra. Fuller n. 2, conseguiu ver concorridos os seus spectaculos.

Aliás, não era de esperar esse retrahimento da parte do nosso publico, a quem agrada sobremaneira toda a especie de *frégolidades* que por aqui aparecem, pomposamente anunciatas, trazendo por batedores uns *réclames* de palmo e meio.

Demais, acerca da identidade da Sra. Fuller levantára-se, e muito habilmente, uma questão importante, que mais deveria aguçar a curiosidade do publico, ancioso e afflito por saber se a Sra. Fuller era a propria Fuller, ou se era simplesmente a irmã da Sra. Fuller.

Pois nem assim! A deserção continuou e a Companhia Mo-

dena lá vai em busca de outros ares e de melhores povos, depois de nos haver proporcionado excellentes espetáculos, a que assistiram impavidas, serenas e desoladas... as cadeiras do teatro da Guarda Velha.

E pena. O trabalho da Sra. Tiozzo, uma actriz de nervo, secundada pelos Srs. Cuneo, Lotti, Serafini e outros, bem merecia ocupar a atenção do público fluminense...

... se o público fluminense não preferisse ouvir o Frégoli cantar de falsete, com umas cabelleiras que não ajustam bem, e exhibindo uns bonecos espetados em cabos de vassoura.

Vão ao Apollo e verão que enchente, sempre que o felicissimo Frégoli faz o duetto impossível... Ou não vão, porque arriscam-se a ficarem esmagados, pela concurrencia enorme de ingenuos que se deliciam em ver o Sr. Frégoli fazer nos bastidores o que a Sra. Pepa faz em cena: - mudar de roupas para fingir que muda de papeis.

Do Lucinda ainda temos notícias. E frescas são elas.

Depois do *Naufrágio da Fragata de Val-Flor* e da *Morgadinha Meduza*, a companhia Dias Braga, a que alliou-se a proactiva actriz Ismenia, resolveu deixar aquele teatro e seguir para S. Paulo, onde exhibiria todo o seu repertório dramático, pantafacudo e estupefaciente.

Se é exacto que *l'union fait la force*, não ha senão a predizer bem d'esta *tournée*, em que se encontram bons elementos colligados.

O Sant'Anna, oferecendo aos seus *habitantes* as últimas representações da *Princesa Colombina*, prepara com todo esplendor a mágica de Eduardo Garrido *O Gato Preto*.

Não é positivamente uma novidade. Entretanto, dizem que esse gato é uma verdadeira mascotte, e tanto que enriqueceu a mais de um emprezario; d'ahi, supõem alguns augures catádricos em matéria teatral, que a companhia do Sant'Anna está em vias de enriquecer - embora não haja alli nenhum Henrique.

D'este pessimo e archi-vetusto trocadilho passo-me muito esgueiradamente para o S. Pedro, que depois de andar por debaixo d'água e por cima de todas as outras empresas teatrais, annuncia a *Cendrillon*, pantomima já conhecida e que o desopilante Frank Brown sabe pôr em cena com todos os deslumbramentos do estylo.

Alli, n'aquelle casa de espetáculos, é que nunca falta o público; - e o que prova é que as pilherias dos Franks, ainda que repetidas, e todos os prodigios de acrobacia, embora muito vistos, valem mais, muito mais, do que os alegrados esforços dos cultores da arte de João Caetano - do defunto João, como dizia e com entono e defunto Galvão.

Dizer que o facto se evidencia exactamente n'aquelle teatro, palco das glórias do nosso primeiro artista.... Os teatros! como os homens, *habent sua fata!*

Eis ahi uma ideia, a oferecer á actriz Emilia Adelaide, que anda a acenar ao público arredio, com as *Mulheres fortes*, e outros dramas de valor: porque não mette em cena uma *Cendrillon* ou não inunda o Variedades com uns 80,000, ou mesmo uns 40,000 litros de agua?

Em verdade, a exigia actriz que conserva o respeito á arte com a mesma pureza e dedicação com que as Vestaes guardavam o sagrado fogo, não tem uma companhia regularmente organizada, nem pôde conseguir até agora elementos que a tornassem harmonica e homogênea. Isso resalta mesmo da exhibição das *Mulheres fortes*, onde a Sra. Emilia Adelaide joga scenas com uns sujeitos e umas damas que nem em um theatrinho particular seriam supportados.

Mas, condenar por completo uma tentativa razoavel, e negar auxilio a um grupo que incontestavelmente o merece, é dar prova de desamor á arte, e como lá dizem, até dá indícios de mau carácter.

Que diabo! Vão ao Variedades; vão e não perderão seu tempo, e terão ensejo de aplaudir uma artista de raga como é a Sra. Emilia Adelaide - que foi rainha e ainda tem magestade.

Ide, e vereis se minto.

Ah! Esquecia-me dizer que a companhia Souza Bastos ainda representa o *Sal e Pimenta*, revista que efectivamente deve ter muito sal para ser assim a occupante exclusiva dos anuncios d'essa companhia.

E tambem ia cabendo no olvido o regresso da companhia Taveira á patria portugueza, e com ella - ella, companhia - o correcto actor J. Ricardo, que não quiz partir sem deixar-nos uma carta de despedida, tão amavel quanto modesta e delicada.

E para pôr termo a esta resenha, um anuncio e gratis:

O jovem actor Silva Pereira resolveu-se a fazer beneficio, e no Theatro Lírico, cujo amplo bojo, sómente esse, poderia abrigar a grande massa de admiradores e amigos que conta entre nós.

(Entre nós é um modo de dizer).

A respeito de Silva Pereira - o beneficio é a 27 do corrente - andam por ahi em um verdadeiro teiro de intriga, varios jornalistas graciosos, inquirindo da sua idade e a respeito emitindo opiniões que parecem ter sido sacadas não se sabe d'onde, mas quē se sabe serem saccadas com dous palitos.

Dizem uns que o Silva Pereira é o Mathusalem da arte dramática portugueza; outros que elle esteve na arca de Noé, não sendo o caso referido na historia do Antigo Testamento porque o mesmo Noé occultou-o, desde que transgredira a ordem n'esse particular - pois não havia casal de Silvas Pereiras, o qual, é bem sabido, tem especial horror a esse negocio de casal.

Ora a verdade é esta, e unica: Silva Pereira é tão jovem, tão novo, que só não fôrma com a petizada da *Cendrillon*, fazendo a protagonista - porque tem de realizar beneficio a 27 do corrente no Theatro Lírico.

Muitas venturas ao beneficiado - a esse jovem artista aurorial, como diria um nephelebata convencido.

TONY.

## CHINOSERIES

### TRES POR DIA ? ! !

E demais! Chegam ao cumulo os desastres na Central! Um wagon nos lembra um tumulo; um comboio - um funeral.

Não ha mais prompto suicidio que uma viagem de trem! Desse terrivel excidio já não escapa ninguem.

Só na quarta-feira deram-se tres desastres! Vejam: tres! ?! Machinas, carros perderam-se! Vae-se tudo de uma vez!

Ante o quadro horrivel, tetrico, confessos-lhes que tremi, aparte algum bond electrico, cousa peior nunca vi.

Vejo que andei com criterio quando os suburbios deixei, mas, ante caso tão serio, a vida já segurei.

E proponho, em consciencia, a alguém que o queira, fundar companhia, p'ra a existencia ao viajar segurar.

Melhorar em vão pretende-se a desgraçada Central! Só vejo um recurso - arrende-se, talvez melhore, afinal!

Lu-No.

## A NOSSA ESTANTE

Temos recebido e agradecemos:

**D Pedro I e a Independencia**, trabalho interessante do Sr. André Werneck, escrito a propósito da demolição da estatua da Praça Tiradentes, e pela verdade historica. O operoso escriptor, em rapido estudo, amparado de documentos historicos, deixa patente a injustica flagrante que se commetteria se acaso fosse a efecto a idéia demolidora de um grupo hysterico, felizmente sem influencia actualmente na direcção dos publicos negocios.

**Revista Pharmaceutica**, anno 1º, n. 15 correspondente a 5 do corrente mez. E orgão da sociedade pharmaceutica paulista e tem por sens redactores os Srs. Ignacio Puiaggiori e Frederico de Borba.

A esta publicação pode-se sem receio emprestar o qualificativo de *importante*: provam-n'os os excellentes artigos, *Analyses da urina*, de C. B. de Hollanda, *O estado de pharmacia entre nós*, editorial etc.

**Revista de Homeopathia**, n. 1, anno 2º, de que é fundador e redactor o Sr. Dr. Magalhães Castro. Também nos vem de S. Paulo esta publicação.

**Arcadia**, fasciculo 1º, volume 1º. e tudo o mais pondo em linha de conta o exercito de colaboradores desta brilhante revista de arte. Na primeira pagina encontra-se o retrato de Olavo Bitac, o primoroso poeta e phantasista sem igual nas chronicas era prosa. Os directores Brito Mendes e Felix de Mello fizeram eleição justa e criteriosa do corpo de colaboradores: o supradito Bitac, Virgilio Varzea, Alves Faria, Felix Bocayuva, Figueiredo Pimentel, Azevedo Crn, Claudio de Souza, e outros - e o que prova que n'esta eleição não entrou o triangulo. Não está viciada.

**Serviço exterior**, da repartição geral dos telegraphos, ou em varnaculo: Taxa por palavra telegraphica a partir de qualquer estação para as repúblicas sul-americanas e mais para a Europa, Ilhas, America Central e do Norte, África, Ásia, Austrália, Olivaes e Santarém e Mais Além.

Por esse folheto ficámos sabendo que pagaremos por uma palavra dirigida para Capiapó a quantia de 1\$560 - quando nos dermos ao luxo de possuir um correspondente n'aquelle povoação do Chile.

**Jornal Ilustrado**, n. 9, do primeiro anno. Traz em sua primeira pagina os retratos de Q. Bocayuva e de J. do Patrocínio... dous que não se *hurlent de se trouver ensemble* - na primeira pagina de um jornal ilustrado, e com os periodos encomiasticos e elogiosos equitativamente distribuidos por ambos pela respectiva redacção. Traz um bom artigo de Alves de Faria sobre a Amnistia, e é um numero muito para ser lido.

**Revista Illustrada**, n. 625, 20º anno de existencia. Traz em sua primeira pagina os retratos dos sénadores falecidos Silva Canedo, de Goyaz, e Cunha Júnior, do Maranhão.

**Questões de arte**, de Carlo Parlagreco, o ilustrado professor da Escola Nacional de Bellas Artes. N'este volume, de 150 paginas, o distinto professor archivou algumas das importantes conferencias por elle realizadas na nossa Escola de Bellas Artes, e conferencias em que sobresaiem as idéas predominantes e os principios científicos com que tem estudo e desenvolvido os problemas complexos da arte e da critica contemporanea. Reconhecida a elevada competencia de Parlagreco, bem se percebe a importancia do seu volume, ora publicado.

**Le Petit Echo de la Mode**, ns. 34 e 35, publicação de A. Reynaud.

**A Estação**, interessante jornal de modas, publicado pela casa Lombaerts. E o numero correspondente a 15 do corrente mez.

**Roma-Amor**, bella poesia de Luigi Bellezza, impressa a duas cores, e commemorativa de 20 de Setembro.

**Brazil Militar**, n. 1 do 1º anno, trazendo o retrato do grande patriota marechal Deodoro Fonseca.

Recebemos ainda, e agradecemos igualmente:

Convite para o almoço e a *soirée* com que a directoria da Educadora festeja o 5º anniversario da sua fundação; para as festas artísticas do Silva Perciaa, das actrizes Estephania e Claudia; para a grande recita de gala, no Lírico, commemorativa do dia 20 de Setembro, festejado pela colonia italiana; para a *soirée* do Club de S. Christovão.



DANSA SERPENTINA NA CAMARA DOS

DEPUTADOS

Diz o Dr. Lauro Muller  
Que esta é que é a verdadeira  
Serpentina feiticeira:  
— A celebre Glicy Fuller

As outras, no seu emprego,  
Transformam-se em borboletas...  
Miss Glicy, com suas brilhas  
Volre-se em triste morcego!